

**NICOLLY BRAGANÇA RODRIGUES**

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA: UM ESTUDO DE CASO COM  
ALUNO COM SÍNDROME DE ASPERGER**



**CURITIBA**

**2018**

NICOLLY BRAGANÇA RODRIGUES

**EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA: UM ESTUDO DE CASO COM  
ALUNO COM SÍNDROME DE ASPERGER**

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná

Orientadora: Professora Dra. Adriana Inês de Paula

CURITIBA

2018

## TERMO DE APROVAÇÃO

NICOLLY BRAGANÇA RODRIGUES

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNO  
COM SÍNDROME DE ASPERGER

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito para a obtenção do diploma de graduação em Licenciatura na área de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

---

Profa. Dra. Adriana Inês de Paula

Orientadora – Departamento de Educação Física – UFPR

---

Profa. Dra. Soraya Correa Domingues

Departamento de Educação Física - UFPR

---

Prof. Dr. Vidal Palacios Calderón

Departamento de Educação Física - UFPR

Curitiba, 05 de dezembro de 2018.

## RESUMO

O trabalho a seguir trata-se de um estudo de caso, realizado de forma longitudinal com um aluno de inclusão durante as aulas de educação física, diagnosticado com síndrome de Asperger. O objetivo dessa pesquisa foi analisar longitudinalmente os comportamentos motor, cognitivo e social de um aluno com síndrome de Asperger nas aulas de Educação Física Escolar Inclusiva. Foram realizadas observações de seis aulas de educação física, todas elas devidamente relatadas em diários de campo e posteriormente analisadas focando nos três eixos investigados. Os resultados confirmaram o que a literatura vem dizendo, que indivíduos com síndrome de Asperger tem um atraso no desenvolvimento motor, dificuldade em socializar e um impedimento no organismo que não lhe deixa planejar e executar determinadas tarefas com precisão. Apesar de todas as individualidades observadas no autista, nota-se o potencial que as aulas de educação física tem para os mesmos, pois durante as aulas encontra-se um ambiente propício ao desenvolvimento e aprimoramento motor, a socialização e a prática de planejar e executar tarefas.

**Palavras Chaves:** Educação Física, Síndrome de Asperger, Inclusão.

## **ABSTRACT**

The following work is a case study, conducted longitudinally with an inclusion student during physical education classes, diagnosed with Asperger's syndrome. The objective of this research was to longitudinally analyze the motor, cognitive and social behavior of a student with Asperger's syndrome in Inclusive School Physical Education classes. Observations were made of six physical education classes, all of them properly reported in field journals and later analyzed focusing on the three axes investigated. The results have confirmed what the literature has been saying, that individuals with Asperger's syndrome have a delay in motor development, difficulty in socializing and an impairment in the body that does not let them plan and perform certain tasks accurately. In spite of all the individualities observed in the autistic, it is possible to notice the potential that the physical education classes have for them, because during the classes there is an environment conducive to the development and motor improvement, the socialization and the practice of planning and performing tasks.

**Keywords:** Physical Education, Asperger's syndrome, Inclusion.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>2 OBJETIVO</b> .....	09
<b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	10
3.1 HISTÓRICO DO AUTISMO E SÍNDROME DE ASPERGER.....	10
3.2 CARACTERÍSTICAS DOS INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE ASPERGER....	13
3.3 EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	15
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	18
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	20
5.1 COMPORTAMENTO MOTOR.....	20
5.2 COMPORTAMENTO COGNITIVO.....	22
5.3 COMPORTAMENTO SOCIAL.....	23
<b>6 CONCLUSÃO</b> .....	25
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26
<b>APENDICE</b> .....	28

## 1. INTRODUÇÃO

A descoberta do autismo ocorreu em 1943 por Leo Kanner, um psiquiatra da área pediátrica que escreveu um artigo discorrendo sobre um transtorno, nomeando sua publicação de “*Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo*”. Já a síndrome de Asperger tornou-se conhecida quando a médica psiquiátrica britânica Lorna Wing, publicou em 1981 um estudo do pediatra Hans Asperger (1943 e 1944). Neste estudo Asperger detectou na criança comportamentos como: “falta de empatia, pouca capacidade de fazer amigos, conversas unilaterais, absorção intensa em um interesse em especial e movimentos desajeitados” (GRANDIN e PANEK, 2013 p. 22).

Conforme informações da ONUBR (Nações Unidas no Brasil), 1% da população mundial é autista, sendo este número equivalente a 70 milhões de pessoas (ONUBR, 2015). Apesar destes números serem preocupantes, para nos deixar ainda mais apreensivos, o número de casos desta condição neurológica tem aumentado, sendo que a maioria dos casos de autismo é diagnosticado em crianças (ONUBR, 2016).

No Brasil foi realizado um estudo em 2011, financiado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, na cidade de Atibaia, no estado de São Paulo, em que foram observados em 1.470 crianças de 7 a 12 anos de idade, algum ou alguns sinais de autismo. Dessas crianças, 94 foram encaminhadas para testes médicos mais detalhados, e como resultado final, 4 receberam diagnóstico de autismo (ZORZETTO e HIPPENMEYER, 2011). Ainda de acordo com Zorzetto e Hippenmeyer (2011, p.18)

Se o índice observado ali puder ser extrapolado para o resto do país – inclusive para os adultos, uma vez que estudo recente na Inglaterra mostrou prevalência de autismo semelhante em adultos e crianças -, é de esperar que existam 570 mil brasileiros com alguma forma de autismo.

O presente estudo se justifica pelo número de casos e o aumento desse índice em contexto mundial, conseqüentemente há também um aumento dessas crianças de inclusão nas escolas e nas aulas educação física, além disso, diversos autores relatam um diagnóstico tardio ou até mesmo a falta de diagnóstico do transtorno do espectro autístico, que então leva os indivíduos a não possuir uma boa qualidade de vida por conta da falta de suporte para suas particularidades.

O objetivo do presente estudo foi analisar longitudinalmente um menino diagnosticado com síndrome de Asperger durante as aulas de educação física. A análise teve o foco em três eixos, sendo esses: a) comportamento motor, b) comportamento cognitivo e c) comportamento social.

## **2. OBJETIVO**

O objetivo dessa pesquisa foi analisar longitudinalmente os comportamentos motor, cognitivo e social de um aluno com síndrome de Asperger nas aulas de Educação Física Escolar Inclusiva.

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

#### 3.1. HISTÓRICO DO AUTISMO E SÍNDROME DE ASPERGER

Em 1938 Leo Kanner psiquiatra em um hospital nos Estados Unidos, estudou um participante norte-americano que desde pequeno tinha dificuldades em se relacionar com outras pessoas e tinha um certo interesse por determinados objetos peculiares e uma memória incrível. Apesar de apresentar sintomas de esquizofrenia, o psiquiatra não conseguiu fechar o diagnóstico. Nos anos seguintes Kanner juntou outros nove casos e os descreveu em um artigo, em 1943. (ZORZETTO e HIPPENMEYER, 2011).

Segundo Zorzetto et al (2011), no ano seguinte outro psiquiatra, Hans Asperger, descrevia casos muito parecidos, eram crianças com capacidades intelectuais geralmente acima da média e aquisição da linguagem normal, no entanto com dificuldades de interação social.

Enquanto Asperger acreditava na origem biológica desses distúrbios, Kanner os via como problemas com causas psíquicas, resultado da criação por pais frios e distantes. Por influência de pesquisadores como o psicólogo Bruno Bettelheim, esta visão prevaleceu por anos e se tornou conhecida como a “teoria da mãe geladeira” (ZORZETTO e HIPPENMEYER, 2011, p.21).

Em 1970 a psiquiatria passou por diversas mudanças, em oposição ao que vinha sendo feito, que seria procurar as causas aplicando a psicanalítica antiga, os médicos foram rompendo com esta prática e passaram a direcionar o olhar para o impacto resultante da doença. Pouco a pouco, os psiquiatras foram entendendo que não havia necessidade de estudar as causas para trata-las, sendo mais conveniente amenizar os efeitos. (GRANDIN e PANEK, 2013).

Um grande problema na época foi que os sintomas autísticos eram considerados pelos psiquiatras comportamentos de pessoas esquizofrênicas, mas para tratar qualquer efeito de qualquer que fosse a doença, os profissionais precisavam ter um diagnóstico preciso. Foi então que, evidentemente a Associação Americana de Psiquiatria chegou a pergunta: “o que é este comportamento autista, e o que é um sintoma da esquizofrenia?” (GRANDIN e PANEK, 2013 p.20). Foi a partir deste momento que os cientistas desvincularam o comportamento autista de outras reações que eram típicas da esquizofrenia. Desta forma tiveram que descrever o comportamento autista, enumerando os hábitos deste indivíduo, para que pudesse ser dado um diagnóstico diferente da esquizofrenia, sendo este: autismo infantil ou síndrome de Kanner (GRANDIN e PANEK, 2013).

Foi então, que em 1980 o DSM-III divulgou em sua publicação uma lista de sintomas encontrados no autista, porém dentro de uma categoria ampla, sendo este o Transtorno Global de Desenvolvimento (TGD) e para que o diagnóstico fosse autismo infantil, o paciente deveria obter uma série de sintomas desta lista e não apresentar qualquer outro que pudesse sugerir esquizofrenia (GRANDIN e PANEK, 2013).

Todos os critérios divulgados pelo DSM-III não diagnosticavam de forma precisa, ou seja, os cientistas tinham dificuldade de estabelecer com exatidão os comportamentos das crianças autistas, sendo assim houveram diversas mudanças a cada nova edição do DSM (GRANDIN e PANEK, 2013).

Em 1987, houve uma nova verificação do DSM-III, passando a ser DSM-III-R, que em sua composição teve grande mudança com relação ao diagnóstico autista, passando de autismo infantil para transtorno autista, aumentando também o número de critérios de seis para dezesseis, divididos em três categorias (A, B, C), nas quais determinavam que o indivíduo deveria atingir ao menos oito dos critérios, sendo ao menos dois da categoria A, um da categoria B e um da categoria C (GRANDIN e PANEK, 2013).

Antes da inclusão da síndrome de Asperger no DSM-IV, vários autores mantinham-se calados com relação ao diagnóstico, assim como outros se posicionaram em favor a validação da síndrome de Asperger como uma condição

individualizada. Dessa forma, a diferenciação dos casos, apoio as famílias, bem como o tratamento, seriam mais eficientes (TAMANAHA, PERISSINOTO e CHIARI, 2008).

No ano de 1987, foi publicado no DSM um diagnóstico que ampliou a categoria TGD, em que as manifestações do autismo aparecem, porém não todas, e de forma mais suave, denominada Transtorno Global do Desenvolvimento Sem Outra Especificação (TGD-SOE). Contudo 1994, em uma nova publicação do DSM, sendo este DSM-IV, deu um nome a essa condição mais suave do autismo, que dificultou ainda mais a estabelecer com precisão o mesmo, chamando-se: Síndrome de Asperger (GRANDIN e PANEK, 2013).

Apesar da inclusão da Síndrome de Asperger no DSM-IV ter sido em 1994, em 1981 uma psiquiatra britânica, Lorna Wing. Já havia divulgado a pesquisa de Hans Asperger, realizada a mais de quarenta anos, entre 1943 e 1944. Asperger em sua pesquisa tentava detectar em crianças comportamentos distintos, de acordo com

falta de empatia, pouca capacidade de fazer amigos, conversas unilaterais, absorção intensa em um interesse em especial, e movimentos desajeitados, observando também que as crianças podiam falar sem parar sobre seus assuntos favoritos', ele os apelidou de professezinhos. (GRANDIN e PANEK, 2013 p. 22)

O nome dado por Asperger a esta série de comportamentos foi “psicopatia autística”, porém com o tempo, devido a fusão lamentável concedida a palavra psicopatia, na publicação do DSM-IV, o termo usado foi “Síndrome de Asperger”. O termo usado em 1994 no DSM-IV, foi fundamental para o reconhecimento efetivo de Asperger para as autoridades psiquiátricas da época e transformando o modo de rever o autismo em geral (GRANDIN e PANEK, 2013).

Segundo o artigo “Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade” de Sandra Dias (2015, p.309),

Wing será responsável não só pela divulgação da tese de Asperger no mundo científico, como também por sua associação ao autismo de Kanner. Ela aponta que a principal questão nesse campo é a de saber se as duas condições Kanner e Asperger, são variedades da mesma anormalidade ou entidades separadas.

A Síndrome de Asperger, não era considerada autismo de forma efetiva segundo o DSM-IV, mas sim um dos transtornos fixados no TGD, porém foi ligeiramente considerado “autismo de auto funcionamento”, e com a revisão em 2000 do DSM-IV, os especialistas utilizaram TGD e Transtorno do Espectro Autista (TEA) como diagnósticos diferentes, cada um deles com suas particularidades. Assim dentro do TEA poderiam ser encontrados indivíduos gravemente comprometidos e indivíduos altamente capacitados (GRANDIN e PANEK, 2013).

Oficialmente o DSM-V, (Manual Diagnóstico e Estatístico e Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana) foi lançado em 18 de maio de 2013, sendo a última atualização do mesmo até o momento. Esta requalificação do manual vem de um processo de pesquisas, estudos de campo e análises que se estendeu por doze anos com a participação de diversos profissionais da área divididos em grupos de trabalhos. Com o objetivo de assegurar com a nova reformulação diagnósticos mais precisos, baseados numa fonte confiável e cientificamente testada (ARAÚJO e NETO, 2014).

No DSM-V, dentro dos Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGD's), além do Transtorno do Espectro Autista, consta também a síndrome de Rett, sendo essa uma patologia descrita como:

Uma ruptura da interação social pode ser observada durante a fase regressiva da síndrome de Rett (em geral, entre 1 e 4 anos de idade); assim uma proporção substancial das meninas afetadas pode ter uma apresentação que preenche critérios diagnósticos para transtorno do espectro autista. Depois deste período, no entanto, a maioria dos indivíduos com síndrome de Rett melhora as habilidades de comunicação social, e as características autistas não são mais grande foco de preocupação. Consequentemente, o transtorno do espectro autista somente deve ser considerado quando preenchido todos os critérios diagnósticos. (DSM-V, 2014, p.57)

### 3.2. CARACTERÍSTICAS DOS INDIVÍDUOS COM SÍNDROME DE ASPERGER

A síndrome de Asperger é uma disfunção. No DSM a mesma é considerada como doença, com determinação clínica e com suas particularidades dentro do Transtorno

Global de Desenvolvimento (TGD). Esta patologia ocasiona modificações orgânicas na evolução dos indivíduos, levando a dificuldades em determinadas áreas de desenvolvimento absoluto (VIEIRA e SIMON, 2012).

De acordo com Vila, Diogo e Sequeira (2009), há diversos comportamentos excêntricos que levam ao diagnóstico da síndrome, são eles:

- ✓ Atraso na fala, desenvolvimento fluente da linguagem verbal antes dos cinco anos. Dificuldade na linguagem mais rebuscada e ecolalia (repetição do que ouvem, eco) de palavras ou frases;
- ✓ Interesses restritos, escolhem um assunto de interesse. Casos mais comuns são interesses por coleções e cálculos;
- ✓ Presença de habilidades não muito comuns, tais como cálculos mentais, memorização de grandes sequencias (mapas de cidades), ouvido musical absoluto, entre outros;
- ✓ Incapacidade de interpretar metáforas, mentiras, ironias e frases com duplo sentido;
- ✓ Dificuldades no uso do olhar, expressões faciais, gestos e movimentos corporais, como a comunicação não verbal;
- ✓ Pensamento concreto;
- ✓ Dificuldade para entender ou expressar emoções;
- ✓ Falta de auto- censura, ou seja, falam tudo o que pensam, mesmo que não seja o correto para a sociedade;
- ✓ Apego a rotinas e rituais, com dificuldade de adaptação a mudanças e fixação de assuntos específicos;
- ✓ Atraso no desenvolvimento motor e coordenação motora, inclusive a escrita;
- ✓ Hipersensibilidade sensorial: sensibilidade a determinados ruídos, fascinação por objetos luminosos e com música, atração por determinadas texturas;
- ✓ Comportamentos estranhos de auto estimulação;
- ✓ Dificuldades em generalizar o aprendido;
- ✓ Dificuldades na organização e planejamento da execução de tarefas.

Ainda de acordo com os autores, as duas principais características que distinguem o autismo da síndrome de Asperger, são as aptidões intelectuais e de linguagem, pois no autismo as mesmas são grandemente afetadas, enquanto na

síndrome de Asperger o QI em alguns casos encontra-se a cima da média e não há retardo na conquista da linguagem verbal.

Em contraste com o autismo, os indivíduos com Asperger são socialmente isolados por suas abordagens frustradas, o desajeito no momento de iniciar suas relações sociais levam ao afastamento das pessoas, sem contar a falta de sensibilidade para com os sentimentos e emoções dos outros. Essas frustrações podem levar o indivíduo com síndrome de Asperger a desencadear transtorno de ansiedade ou humor, tendo que realizar tratamento com medicamentos para o alívio desses transtornos (KLIN, 2006).

Klin (2006, p. 10), também ressalta em seu artigo que pessoas com síndrome de Asperger podem ter um retardo no desenvolvimento de habilidades motoras, como: "andar de bicicleta, agarrar uma bola, abrir garrafas e subir em brinquedos de parquinho ao ar livre." Torna-se comum indivíduos com Asperger serem desprovidos de uma coordenação motora requintada. Segundo o autor, "podem exibir padrões de andar arqueado ou aos saltos e uma postura bizarra." Na biografia de Grandin, a mesma relata ter dificuldades em praticar esqui, e faz comparações de si com outra pessoa, que com menos tempo de aula, esquiava melhor que ela. Na época ela não sabia o que havia de errado consigo mesma, porém anos depois ela descobriu que seu cerebelo era 20% menor que o normal, foi então que ela descobriu que suas capacidades motoras eram comprometidas devido a sua biologia cerebral (GRANDIN e PANEK, 2013).

### 3.3. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR INCLUSIVA

De acordo com Castro e Castro (2011), um grande marco nas políticas de inclusão no Brasil foi a estabelecimento das Leis de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996, porém no fim do século XVIII e início do século XIX foram criados alguns institutos, como o Instituto do Participantes Cegos em 1854, no Rio de Janeiro, sendo a primeira instituição brasileira com o intuito de atendimento as pessoas com deficiência. Vinte anos depois foi criada uma escola para deficientes intelectuais dentro do Hospital Juliano Moreira, em Salvador na Bahia, e criada a Escola México no Rio de Janeiro.

Em 1887, foi criado o Instituto dos Surdos-Mudos, também no estado do Rio de Janeiro e a partir de então, a ideia de se construir instituições com especificidade para pessoas com deficiências foi se expandindo para vários outros lugares do país, mesmo que nessa época, essas instituições tivessem o intuito de classificar e separar os indivíduos sem deficiência e com deficiência, essas instituições tiveram grande relevância para um aprofundamento de futuras pesquisas sobre a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade.

O período classificado de Segregação por Castro e Castro (2011), de meados do século XIX e início do século XX, teve caráter assistencialista, sem qualquer objetivo pedagógico e ainda com a intenção da separação das pessoas com deficiência para a proteção da sociedade. Nesta época surgiu a Escola Pestalozzi em 1932, a criação da escola especial Instituto Paranaense de Cegos, em 1939 e a criação da primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) em 1954.

Segundo Castro e Castro (2011), foi na década de 50 que pessoas com deficiência começaram a ser vistas como cidadãos com direitos e deveres diante da sociedade, graças a alguns movimentos sociais que se basearam na Declaração Universal dos Direitos Humanos e entraram em defesa dos mesmos, porém ainda assim persistia o caráter assistencialista e de medicalização na educação dessas pessoas.

Entre os anos de 1960 e 1970 o grande marco foi a LDB nº4.024/61, que trouxe nos seus escritos a oferta de serviços educacionais para as pessoas com deficiência, porém, dentro do ensino regular. Entretanto essa proposta, apesar de ser um grande avanço, não se concretizou, pois haviam grandes diferenças entre os objetivos educacionais do ensino regular para o ensino especial (CASTRO e CASTRO, 2011).

Depois dessa tentativa frustrada da inclusão na década de 60, em 1994 o Brasil se torna signatário da Declaração de Salamanca, que vem para organizar e tornar claro os direitos das pessoas com deficiência, inclusive com relação ao sistema educacional para as mesmas (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994). Dois anos depois, em 1996, surge uma nova versão da LDB, baseada em documentos nacionais e internacionais, com uma nova visão de educação inclusiva, enfatizando “valorização da diferença e da oferta de oportunidades iguais” (CASTRO e CASTRO, p.502, 2011).

No final do século XX, mais especificamente em 1999, são publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), com a finalidade de normatizar e nivelar o ensino no país. No mesmo ano o governo publicou um caderno intitulado de "Adaptações Curriculares dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Estratégias para a Educação de Alunos com Necessidades Educativas Especiais", dando subsidio aos professores com alunos excepcionais. Os objetivos eram: "identidade, diversidade e autonomia, interdisciplinaridade e contextualização" (CASTRO e CASTRO, 2011, p.502).

Entre 2008 e 2010, houve uma avaliação do Ministério da Educação (MEC) com relação a diversos pontos da educação para pessoas com deficiências. Nesta avaliação surgiram algumas estratégias para tornar mais acessível a inclusão, como:

Adequação arquitetônica para acessibilidade em 9.336 prédios, projeto livro acessível, programa de implantação de salas de recursos em nas escolas públicas, benefício de prestação continuada (BPC) e por último e não menos importante, a oferta de cursos de formação continuada para os professores a distância pelas universidades públicas, alcançando 21.350 professores" (CASTRO e CASTRO, 2011, p. 502).

Nos dias atuais há vários estudos e pesquisas que discorrem sobre a inclusão dentro de escolas regulares. A inclusão pode ocorrer quando o aluno tem alguma deficiência física, intelectual, sensorial, ou mesmo se o aluno tiver indícios ou laudos de superdotação ou autismo, que é o caso analisado neste estudo. Em todos os casos, os professores devem adaptar suas aulas e conteúdos de modo a atingir não somente os alunos sem deficiência, mas também aqueles que tem alguma limitação de aprendizagem.

Nas aulas de educação física os professores não podem agir de outra maneira, os mesmos também devem adequar suas aulas de tal forma que todos possam realizar as atividades propostas e adquirir o conhecimento proposto, afinal, de acordo com a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008, p.8) todos os alunos tem direito a: "[...] o acesso, a participação e a aprendizagem de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nas escolas regulares".

#### 4. METODOLOGIA

Essa pesquisa é um estudo de caso de cunho qualitativo e foi realizada em uma escola privada da cidade de Curitiba/PR, com a autorização da escola para realizar as observações e cumprindo todas as questões éticas. Assim, não serão citados o nome da instituição de ensino e o nome da criança que será o foco do estudo.

O aluno que foi observado está no primeiro ano do ensino fundamental, primeiro ciclo, já completou seis anos, aparenta ser um participante com sobrepeso e é o segundo maior aluno da turma. Foi diagnosticado com síndrome de Asperger muito pequeno, aos dois anos e meio, quando ingressou na escola em que estuda atualmente.

Foram os professores da escola que observaram seus comportamentos e passaram essas informações a psicóloga da escola. A psicóloga, observou o aluno durante as diferentes aulas por algum tempo, e resolveu fazer um alerta aos pais do participante. Apesar do choque inicial da conversa com a psicóloga da escola, os pais resolveram investigar os comportamentos do participante com especialistas.

O laudo não demorou muito a chegar e o aluno foi diagnosticado com a síndrome de Asperger, uma síndrome que se encontra atualmente dentro do TEA. Apesar de indivíduos que tem essa patologia ter comportamentos autísticos suaves, é necessária uma atenção especial nos processos pedagógicos do aluno.

Desde então a escola se dispôs a reduzir o número de alunos na sala do participante dessa pesquisa, para que todos os professores pudessem lhe dar atenção mais individualizada, além de repassar o laudo a todos os professores que trabalhariam com a turma dele durante o ano letivo. Esse tipo de atitude da escola, mostrou uma preocupação em atender o aluno com autismo de forma a suprir as suas necessidades individuais.

A partir do momento que houve a certeza da patologia do participante que é foco das observações, ele passou a ser bem estimulado, tanto dentro da escola como fora dela. Seus pais o levam frequentemente ao psicólogo, ao neurologista, fonoaudiólogo e a terapia ocupacional, além disso o colocaram para fazer aulas de robótica e xadrez no período extracurricular da escola e fora dela faz aulas de natação numa academia.

Para desenvolver o estudo, foram realizadas seis observações, de diferentes aulas com diferentes objetivos, sendo essas, três aulas de atividades competitivas e três não competitivas, e para a análise dessas aulas foram feitos Diários de Campo (Apêndice 1).

Na escola as turmas do ensino fundamental I e II tem duas aulas semanais de educação física, com duração de cinquenta minutos cada e distribuídas em dois dias da semana. A escola é grande, tem duas quadras poliesportiva cobertas, três quadras poliesportiva abertas, uma quadra de *society*, duas salas de judô, duas salas de ballet, uma sala de xadrez, e uma sala de psicomotricidade, maioria das aulas acontecem nas quadras, fora das salas fechadas. Dentre as aulas observadas, uma aconteceu na sala de xadrez, principalmente porque o dia estava chuvoso e há uma disputa muito grande com relação as quadras cobertas, pois são vários os professores de educação física trabalhando no mesmo horário. A aula de pular corda, aconteceu no campo de *society*, pois a grama sintética poderia suavizar qualquer queda que as crianças pudessem ter durante a aula de corda. A aula de qualidade de vida poderia ter acontecido na sala de aula, mas a professora quis levá-los a sala de psicomotricidade com a justificativa de que eles já passam muito tempo dentro de sala e que apesar da aula ser dentro de uma sala, lá eles poderiam ficar mais à vontade para desenhar. As outras três aulas observadas foram realizadas em quadras.

Todas as aulas observadas aconteceram as segundas-feiras no primeiro horário, à 13:20h, sendo essa a primeira aula da semana da turma. As turmas de primeiro ano da escola, tem em torno de dezoito a vinte alunos, porém na turma da criança autista, tem apenas quinze alunos, essa foi uma das formas de suporte que a escola conseguiu oferecer ao participante.

## 5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após realizar observações e formalizar as mesmas em diários de campo, e para atender o objetivo desse trabalho que foi analisar os comportamentos motor, cognitivo e social do aluno participante com síndrome de Asperger, foram feitas análises desses dados, focando em três eixos de investigação: a) desenvolvimento motor, b) relação social e c) planejamento e execução de tarefas. Foram feitas análises e reflexões sobre as observações descritas nos diários e em seguida corroboradas com a literatura já existente sobre o assunto.

### 5.1 COMPORTAMENTO MOTOR

Para Haywood e Getchell (2016, p.24),

O desenvolvimento é definido por várias características. Primeiro, é um processo contínuo de mudanças na capacidade funcional. [...] Os organismos vivos estão sempre em desenvolvimento, mas a quantidade de mudanças pode ser mais ou menos observável ao longo da vida.

O aluno participante do nosso estudo de caso, como descrito anteriormente, recentemente completou 6 anos de idade. De acordo com Gallahue et al. (2013), dos 6 aos 10 anos, a criança tem um ganho de peso constante, porém lento. Esta fase da vida antecede o estirão de crescimento, que ocorre por volta dos 11 anos em meninas e aos 13 anos para os meninos. Para os autores, neste momento anterior ao estirão, o crescimento é lento e gradual, fazendo com que a criança se adapte mais facilmente as dimensões do próprio corpo, sendo este um fator essencial para o refinamento do controle motor e da coordenação motora.

Ao longo da infância, diversas capacidades motoras e perceptivas, vão se aperfeiçoando, “O aparelho sensorio-motor trabalha em harmonia cada vez maior, de

modo que no final desse período a criança pode executar numerosas habilidades sofisticadas” (GALLAHUE, OZMUN e GOODWAY, p.197, 2013).

No instante em que a criança sai da educação infantil e entra no ensino fundamental, passa por uma adaptação na qual abandona o ambiente egocêntrico e de brincadeiras para pertencer agora a um ambiente de lógica e de conceitos adultos. A criança apresenta grande interesse em aprender coisas novas e um grande marco ocorre por volta dos 6 anos idade que é a aquisição da leitura. Além disso uma vasta pluralidade de “tarefas cognitivas, afetivas e psicomotoras” ampliam o repertório de desenvolvimento humano nessa fase (GALLAHUE et al., 2013, p.198). De acordo com o autor:

Atividades que envolvem os olhos e os membros se desenvolvem de modo lento. Atividades como o voleio, a rebatida de uma bola lançada e o arremesso exigem considerável prática até alcançar o domínio. Esse período marca a transição ao refinamento das capacidades de movimento fundamental para o estabelecimento das habilidades esportivas e de jogos programadas. (GALLAHUE et al., 2013, p.199).

Na aula descrita do dia 13 de novembro, foi observado e descrito que o participante realizou um circuito psicomotor. Na descrição foi relatado uma certa dificuldade em realizar certos movimentos básicos que outras crianças não apresentaram.

[...] o participante deveria se rastejar e passar por baixo das cordas, sem derrubar os cones e tocar nas cordas. A criança é grande, como já foi descrito, aparenta estar com sobrepeso e parece não ter muito noção de espaço, portanto também tem uma certa dificuldade neste exercício, bate a perna em um dos cones, porém não chega a derruba-lo e consegue passar para o próximo exercício. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017, p.43)

Segundo Fernandes e Souza (1998), é comum um “desajeitamento motor” e um atraso no aprimoramento em certas habilidades motoras básicas. Estudos realizados por Fernandes e Souza (1998), relatam que o indivíduo com síndrome de Asperger é caracterizado pela falta de sociabilidade e comportamentos diferentes, excêntricos. Ainda, em artigo escrito por Zukauskas (2011), publicado na revista

“Síndromes”, é novamente relatado que a pessoa com a Asperger apresenta uma diferença na realização de gestos e andar peculiar. Da mesma forma, Klin (2006) também menciona uma “incoordenação motora”, como critério de diagnóstico da síndrome, porém não a única condição a ser observada.

## 5.2. COMPORTAMENTO COGNITIVO

Nos diários de campo é possível identificar que o participante apresentava dificuldade no planejamento e execução das tarefas e essa característica é visível durante as aulas de “Fair Play” e “Atividade Cooperativa”

[...] dois participantes da equipe azul claro partem para o ataque e as duas meninas e o participante autista ficam para realizar a defesa, o participante parece perdido, sem saber o muito o que fazer, se movimenta de um lado para o outro, meio desajeitado. As meninas colam os adversários e ele as incentiva, ele olha para o outro lado e vê que seus companheiros de equipe estão colados, faz menção de ir descolá-los mas desiste e fala para uma das meninas ir lá, nesse tempo a equipe adversária pega a bandeira de sua equipe, a professora apita. (DIÁRIO DE CAMPO, 2017, p. 33)

Haywood e Getchell (2016) apresentam o modelo proposto por Newell (1986) para explicar a emergência de comportamentos novos e aprendidos em determinado contexto de execução de tarefas. De acordo com esse modelo teórico, o comportamento se dá a partir de uma tríade que relaciona o organismo, o ambiente e a tarefa. Se qualquer parâmetro de uma dessas restrições apresentar algo inadequado o não desenvolvido, interferirá diretamente nos outros dois elementos e conseqüentemente na execução da tarefa pretendida. Newell coloca essas restrições em cada ponta de um triângulo e esclarece que essas restrições são vínculos interativos que fazem com que o indivíduo tenha dificuldades ou facilidades na realização de uma tarefa. Segundo Barela (2006) “mudanças comportamentais, sejam elas quantitativas e/ou qualitativas, são decorrentes de alterações no conjunto de restrições (do organismo, do ambiente e da tarefa)” (BARELA, 2006, p. 112).

De acordo com Haywood et al. (2016), “As restrições individuais, são características físicas e mentais únicas de uma pessoa.” Portanto podemos supor que o participante observado, apesar de ouvir e compreender a tarefa a ser executada, não a executa por ter uma restrição no organismo, no seu caso a síndrome de Asperger, que provoca uma alteração com relação ao planejamento e execução da tarefa. Assim, mesmo o ambiente e a tarefa sendo favoráveis para uma execução tranquila, o indivíduo carrega em si uma restrição peculiar. Ao longo do desenvolvimento e com incentivos e práticas, pode ser que essa restrição desapareça, mas no momento desse estudo de caso, sua presença restringia o comportamento pleno de execução de tarefas como os demais alunos de sua sala de aula.

### 5.3. COMPORTAMENTO SOCIAL

Em diversas descrições dos diários de campo, foi relatado que o participante não consegue manter um contato visual por mais que alguns poucos segundos, como no dia em que a aula era de xadrez, é relatado que o participante jogava a partida de xadrez com a professora, mas que raramente dirigia seu olhar para o rosto dela,

[...] É notável que durante o jogo ele raramente olha para o rosto da professora, logo após fazer suas jogadas parece desligar-se do jogo, porém quando é sua vez de jogar, ele parece analisar as peças para depois realizar a sua jogada [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 2017, p.40)

No dia em que a professora estava ensinando-os a pular corda, também foi notável a falta de contato visual durante as explicações, porém, executava os movimentos com exatidão conforme a explicação da professora, “O participante parecia concentrado, e executava o movimento exatamente como a professora explicou, apesar de não manter contato visual por muito tempo enquanto ela explicava” (DIÁRIO DE CAMPO, 2017, p. 29).

De acordo com Farah et al. (2009), “[...] o uso dos comportamentos comunicativos não-verbais pelo bebê durante seu primeiro ano de vida o impulsionará para uma interação triádica”, isto é, não podemos considerar somente a comunicação

verbal como forma de comunicar-se com outras pessoas, pois as expressões faciais e corporais também dão sentido à tudo que se diz. Para Farah et al. (2009, p. 587),

O prejuízo ou a ausência do contato ocular faz com que o bebê autista perca as informações não-verbais oriundas das expressões faciais, do direcionamento do olhar e dos gestos de seus cuidadores, prejudicando a aquisição e o desenvolvimento das habilidades pragmáticas e sociais da linguagem.

O desenvolvimento sócio comunicativo de um indivíduo se inicia nas trocas de olhares entre bebê e adultos. Essa afirmação, ratifica a dificuldade na interação social da criança autista,

a ocorrência de atipias no contato ocular influencia negativamente a percepção dos comportamentos não-verbais da comunicação (expressões faciais, direcionamento do olhar e gestos oriundos de seus cuidadores), importantes para a compreensão das situações circundantes, das intenções do outro, para a formação das interações sociais e para o desenvolvimento da intenção comunicativa" (FARAH et al., 2009, p. 589)

Segundo Fernandes e Souza (1998), crianças com síndrome de Asperger tem dificuldade na comunicação, tanto verbal como não-verbal. Apesar de o participante conseguir se fazer entender na comunicação verbal, a comunicação não verbal é comprometida pela falta de contato visual. Outro autor que afirma a pobreza da comunicação não-verbal é Klin (2006), que afirma, ao investigar pessoas com a síndrome que "Apesar de ter as habilidades intelectuais preservadas, as crianças apresentaram uma notável pobreza na comunicação não-verbal". Zukauskas (2011), reafirma os dados desses pesquisadores destacando que as pessoas com essa patologia procuram evitar o contato visual com outras pessoas.

## **6. CONCLUSÃO**

Em suma, foi notado que o comportamento motor, cognitivo e social do participante com síndrome de Asperger durante as aulas de educação física, difere dos demais alunos. Seu comportamento motor não é tão refinado quanto o comportamento motor dos demais, seu comportamento cognitivo constata-se mais lento com relação ao planejamento e execução de tarefas, seu relacionamento social com a turma e a professora regente, é prejudicado quando se trata do contato visual, pois sua dificuldade em manter-se com o olhar voltado para alguém, muitas vezes faz com o outro concluir que o mesmo esteja distraído.

Mesmo com as peculiaridades do autista citadas anteriormente, as aulas de educação física proporcionam um espaço de potencial desenvolvimento de interação social, coordenação e refinamento motor e auxiliando também na prática de planejamento e execução de tarefas, formando o indivíduo autista de forma completa com todas as suas individualidades.

## REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM – 5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAÚJO, A. C.; NETO, F. L. **A Nova Classificação Americana Para os Transtornos Mentais – o DSM-5**. São Paulo, 2014.
- BARELA, S. A.; **Exploração e seleção definem o curso de desenvolvimento motor**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. v.20; p.111-113, São Paulo, 2006.
- BRASIL. **Declaração da Salamanca – Sobre os Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. 1996.
- BRASIL. ONUBR. **Especialistas da ONU em direitos humanos pedem fim da discriminação contra pessoas com autismo**. (2015). Acesso em: 03 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/especialistas-em-direitos-humanos-da-onu-pedem-fim-da-discriminacao-contra-pessoas-com-autismo/>>
- BRASIL. ONUBR. **Rejeitar pessoas com autismo é ‘um desperdício de potencial humano’, destacam representantes da ONU**. (2016). Acesso em: 03 de dezembro de 2017. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/rejeitar-pessoas-com-autismo-e-um-desperdicio-de-potencial-humano-destacam-representantes-da-onu/>>
- CASTRO, E. M. e CASTRO, R.M. Atividade física adaptada na escola inclusiva. In: Mauerberg-deCastro, E.: **Atividade Física Adaptada**. 2. ed. São Paulo: Editora Novo Conceito Saúde, 2011.
- DIAS, S. **Asperger e sua síndrome em 1944 e na atualidade**. São Paulo, 2015.
- FARAH, L. S. D.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. **Estudo Longitudinal da Atenção Compartilhada em Crianças Autistas e Não-Verbais**. São Paulo, 2009.
- FERNANDES, P. T.; SOUZA, E. A. P. **Síndrome de Asperger: aspectos psicoterapêuticos**. São Paulo, 1998.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o Desenvolvimento Motor**. 7. ed. Tradução: Denise Regina de Sales. São Paulo: Editora Artmed, 2013.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O Cérebro Autista pensando através do espectro**. 3. ed. Tradução: Cristina Cavalcanti. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

HAYWOOD, K.; GETCHELL, N. **Desenvolvimento Motor a Longo da Vida**. 2016

KLIN, A. **Autismo e Síndrome de Asperger: uma visão geral**. Connecticut, USA, 2006.

NETO, V. M.; TRIVIÑOS, A. N. S. **A Pesquisa Qualitativa na Educação Física alternativas metodológicas**. 3. ed. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 2010.

**Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**

(2008). Acesso em: 15 de outubro de 2018. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=16690-politicanacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politicanacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192)>

TAMANAHA, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. São Paulo, 2008.

VIEIRA, N. J. W.; SIMON, K. W. **Diferenças e semelhanças na dupla necessidade educacional especial: altas habilidades/superdotação x síndrome de Asperger**. Santa Maria, 2012.

VILA, C.; DIOGO, S.; SEQUEIRA, S. **Autismo e síndrome de Asperger**. Portimão, Portugal, 2009.

ZORZETTO, R.; HIPPENMEYER, M. **O Cérebro no Autismo**. Pesquisa FAPESP, 2011.

ZUKAUSKAS, P. R. Síndrome de Asperger. **Síndromes Revista Multidisciplinar de Desenvolvimento Humano**, v.1, n4, p. 4-8, 2011.

## APÊNDICE

### DIÁRIOS DE CAMPO

**Data:** 14/08/2017

**Conteúdo:** Pular Corda

A professora coloca-se a frente da turma no pátio da escola, onde os alunos fazem fila para fazer a oração para depois entrar na sala.

O participante antes de soar o sinal interage com os colegas de turma no pátio da escola, brincam de pega-pega até tocar o sinal. Após o sinal eles se colocam em fila. O participante toma o seu lugar na fila e cumprimenta a professora. A oração começa e o participante junta suas mãozinhas e faz a oração junto com os demais. Para a entrada na sala, todos na turma caminham em fila, e o participante não age diferente dos colegas, entra na sala em seu lugar na fila.

Dentro da sala é notável um ritual, os alunos posicionam suas mochilas embaixo do quadro negro. E assim como as outras crianças, o participante coloca sua mochila junto com as bolsas dos demais. A professora pede para que eles tirem de suas mochilas as agendas para que ela possa carimbar. Pouco a pouco eles pegam as suas agendas e abrem na página no dia de hoje (14 de agosto), como pedia a professora. O participante comporta-se até o momento como as outras crianças, faz o que a professora pede, porém tem dificuldades de manter o contato visual, tanto com a professora, quanto com os colegas.

Depois de olhar todas as agendas, a professora pede para que a turma faça fila para poderem se deslocar da sala para o lugar onde acontecerá a aula. O participante se coloca na fila, por ser por ordem de tamanho, ele é o penúltimo da fila. Durante o deslocamento, o participante interage com o colega que está atrás de si, conversam, ele ri, porém não consegue manter um contato visual por mais que dois ou três segundos, entretanto parecem ser muito amigos.

Quando chegam ao local da aula, todos se sentam na sombra de uma árvore que está plantada do lado de fora da quadra de Society, a professora realiza a chamada e pede silêncio para que ela possa ouvir os alunos. O participante responde a chamada como todos os outros, e permanece em silêncio até que a chamada

termine. Ao término da chamada a professora explica que nesta aula eles irão aprender a pular corda, a maioria das crianças parece gostar, mas o participante diz não saber pular corda, a professora calmamente diz a ele que ela vai ensinar. A professora pega um saco com várias cordas pequenas e distribui a todos a explica como eles devem fazer, de uma forma pedagógica.

O participante parecia concentrado, e executava o movimento exatamente como a professora explicou, apesar de não manter contato visual por muito tempo quando a professora explicava. Após repetir várias vezes o movimento, parecia cansar de fazer aquilo, então parava um pouco, observava seus colegas depois continuava. Durante a atividade o participante não se manteve afastado do restante da turma.

Depois a professora pegou uma corda grande e amarrou na grade da quadra, pediu para os alunos guardarem as cordas pequenas dentro do saco e fazer uma fila de frente para a corda amarrada na grade, onde na outra ponta ela segurava a corda. As crianças obedeceram e o participante não fez diferente, entrou na fila da corda e falou para a professora que não queria fazer, com a justificativa de que não sabia pular corda, a professora novamente disse a ele que iria ajudar a todos que não soubessem.

Durante o tempo em que ele ficou na fila, parecia tenso e preocupado, deduzi que fosse porque ele não sabia pular corda. Quando chegou na sua vez, a professora pediu para que eu girasse a corda, pois ela pularia corda junto com ele. A professora segurou a mão dele e explicou que falaria para ele o momento que ele deveria saltar, pediu que ficasse calmo, que ela estava segurando a sua mão. Enquanto eu girava a corda, a professora pulava corda junto com ele, sempre dizendo quando ele deveria pular, o participante conseguiu pular corda, e quando ele terminou, voltou a fila sorrindo e aparentemente mais calmo. Deu tempo de cada criança pular na corda grande duas vezes, e quando chegou a vez do participante novamente, a professora o ajudou da mesma forma.

Ao final da aula, a professora pede para que a turma faça fila em frente ao portão de saída da quadra, todos os alunos saem correndo e tomam seus lugares na fila, o participante entra em seu lugar na fila e durante o trajeto de volta para sala, conversa com o participante que está atrás.

**Data:** 11/09/2017

**Conteúdo:** Qualidade de Vida

Como na aula anterior, a professora se coloca a frente da turma no pátio da escola, é a primeira aula da tarde com a turma do participante com síndrome de asperger. Antes de soar o sinal o participante brinca de pega-pega com os colegas, não mantém muito contato visual como sempre, mas consegue brincar com as outras crianças. Se colocam em fila para a oração, o participante se coloca na fila e neste dia durante a oração conversava, a professora chama a sua atenção e ele pede desculpa e passa a fazer a oração, ao término da oração ele continua a conversa com o colega, a conversa parece muito interessante para o participante.

Mantém-se o ritual das mochilas e agendas, o participante segue tudo como todos os outros e nesse momento já não conversa mais com seu colega, mantém-se quieto nesse tempo e com o olhar fixo, parece estar com os pensamentos longe, porém quando a professora pede para que formem fila, o participante é o primeiro a levantar-se e se encaminhar para a fila, e na fila, conversa o caminho todo com o colega que está atrás, como sempre, ele ri muito nas conversas com esse participante.

Hoje a aula será em sala fechada, os alunos devem fazer os desenhos sobre qualidade de vida, a professora sugere que façam desenhos de práticas esportivas ou de alimentos saudáveis. A professora distribui as folhas e lápis de escrever, lápis de cor, giz de cera e canetinhas. Depois que todos começam seus desenhos, a professora começa a chamada, apesar do participante parecer muito distraído, responde a chamada quando a professora diz seu nome.

Depois que todos começam a desenhar, o participante permanece parado, com o olhar fixo, a professora pede para que ele comece a fazer a atividade, e faz menção de chorar e diz não saber desenhar muito bem, a professora pediu para que ele desenhasse sem se preocupar e que não precisava e que não precisava chorar, mesmo sem o contato visual ele abaixa a cabeça e responde: “Tá bom prof!” Iniciando o seu desenho.

Durante a aula, todos estavam desenhando tranquilamente, o participante não se afastou dos outros colegas, muito pelo contrário, queria estar junto com seus

colegas. As crianças comentavam umas com as outras sobre seus desenhos, e ele não agia diferente, de tempos em tempos ele comentava com um colega que estava ao seu lado sobre seu desenho, porém, é sempre notável a dificuldade do contado visual.

O participante agiu a aula toda tranquilamente, sem chorar, sem brigar e sem discussões. Ao final da aula, a professora pediu para que eles entregassem seus desenhos e guardassem todo o material dentro dos potinhos, todos, sem exceção, fizeram o que a professora pediu, inclusive o participante, depois formaram fila para voltar à sala de aula. No caminho, o participante não tem dificuldade em permanecer na fila, mas neste dia, não interage com ninguém na volta para a sala, parece estar com os pensamentos longe.

**Data:** 25/09/2017

**Conteúdo:** Atividade Cooperativa

Como de costume, a professora se coloca a frente da turma no pátio da escola antes de soar o sinal de entrada. Assim que chega, passo os olhos pelo pátio a procura do participante. Neste dia ele estava com seu pai. O pai do participante lhe falava algo, não sei o que havia acontecido, mas o pai parecia lhe dar alguma instrução. O participante estava parado, com o olhar fixo, porém parecia não ver nada enquanto seu pai falava.

O sinal tocou, o participante se despediu de seu pai e foi se encaminhando para fila, começou a oração e ele juntou suas mãos, repetindo a oração como todos os outros. Ao final da oração a professora chama a turma para que se encaminhem para a sala, o participante segue para sala na fila e não interage com ninguém no pequeno trajeto.

O ritual se segue, todos entram na sala, posicionam suas mochilas embaixo do quadro, tiram suas agendas da bolsa e a abrem no dia atual, 25 de novembro. O participante não faz diferente, calmamente coloca sua mochila no lugar de sempre e retira sua agenda da bolsa. Ele se encaminha para o seu lugar, na escola todas as

mesas têm nome, ele senta-se no seu lugar, abre a agenda no dia atual e aguarda quieto a professora carimbar sua agenda. O participante está com o olhar fixo, parece estar com os pensamentos longe. Entretanto, assim que a professora carimba a última agenda e pede para que façam fila para poder ir para a quadra, o participante é um dos primeiros a se levantar e ir para o seu lugar a fila. Como sempre ele é o penúltimo da fila, pois o critério nessa formação é sempre do menor para o maior. Neste dia ele reclama com a professora, pois nunca é o primeiro, a professora explica que ele é grande e por isso deve ficar sempre no seu lugar na fila. O participante tenta reivindicar, mas a professora não faz a sua vontade. O participante desiste e começa a conversar com aluno que está atrás dele na fila, conversam e brincam o trajeto todo, da sala até a quadra aberta.

Chegando na quadra, a professora pede para que eles se sentem e façam silêncio para que ela possa fazer a chamada. Todos obedecem, e o participante também, senta-se com perna de índio e faz silêncio até o fim da chamada, não olha para a professora, mas responde a chamada no momento certo.

“A brincadeira é uma variação da mãe e pega, uma criação será o pegador o restante da turma terá que fugir. Quando o pegador encostar em alguém, deverá falar pedra, árvore ou ponte”, a pessoa que for pega, ficará colado imitando uma “pedra, árvore ou ponte.” Para ser descolada, um outro colega deverá descola-lo pulando por cima se for pedra, abraçando se for árvore e passando por baixo da pessoa, se for ponte.

A professora escolhe um pegador e o restante da turma foge. O participante foge do pegador assim como as outras crianças, faz fusquinha para o pegador, e em comparação com as outras crianças, é meio desajeitado para correr, trombando hora ou outra com outras crianças, mas não se machucando, depois de alguns instantes, o pegador cola o participante e pede para que ele se torne pedra, alguns segundos depois, vem uma menina e o descola, pulando por cima dele (pula carniça). O participante volta a correr, fugindo do pegador. A professora apita, e todos param para ouvir seu comando. Ela troca o pegador e todos voltam a brincadeira. O participante foge do pegador, assim como os outros, não demora muito e ele é colado novamente, a criança pede para ele se tornar árvore, ele respeita a regra e fica parado de braços abertos, depois de um tempo um participante vem e lhe abraça para descola-lo, o

participante retribui e volta a brincadeira. Passados dois minutos o participante é colocado novamente, e dessa vez se torna pedra novamente, e alguns segundos depois um colega pula por cima dele e o descola, e ele retorna a brincadeira correndo. A professora apita e determina o fim da brincadeira, faz um gesto com as mãos chamando os alunos para perto, para que ela pudesse explicar a próxima brincadeira. O participante ouve o apito olha para as outras crianças e em seguida olha para a professora, e se encaminha em direção a professora com a respiração ofegante de tanto correr.

A professora pede para que os alunos sentem enquanto explica a próxima brincadeira, assim eles puderam descansar um pouco. O participante procura um lugar para se sentar, e escolhe sentar do lado do garoto com quem ele conversa na fila durante todos os deslocamentos. Durante a explica a brincadeira o participante faz silêncio e fica com o olhar fixo, parece não ver nada que está a sua frente. Assim que a professora termina de explicar, começa a dividir a turma em quatro equipes, o participante fica na equipe azul claro, três equipes têm quatro integrantes e a equipe do participante tem cinco. O objetivo do jogo é pegar a bandeira do adversário que está a sua direita e proteger a sua bandeira do adversário a sua esquerda. Depois da divisão das equipes, cada grupo foi para o local da sua bandeira, a professora dá um minuto para que as equipes possam fazer as suas estratégias, a equipe do participante se reúne em um círculo fechado e falam bem baixinho o que vão fazer, o participante também diz algo baixo, tão baixo que não consigo ouvir. A professora apita, pergunta se estão preparados, todos respondem que sim, e antes que ela pudesse apitar e dar início ao jogo o participante pergunta: “É competição prof.?”. A professora ri e em seguida diz que sim, porém o mais importante não é ganhar, e sim se divertir e respeitar os colegas que não ganharem. O participante faz uma cara de descontente com a resposta da professora, porém não diz mais nenhuma palavra. A professora apita e o jogo começa, dois participantes da equipe azul claro partem para o ataque e as duas meninas e o participante autista ficam para realizar a defesa, o participante parece perdido, sem saber o muito o que fazer, se movimenta de um lado para o outro, meio desajeitado. As meninas colam os adversários e ele as incentiva, ele olha para o outro lado e vê que seus companheiros de equipe estão colados, faz menção de ir descolá-los mas desiste e fala para uma das meninas ir lá, nesse tempo a equipe adversária pega a bandeira de sua equipe, a professora apita, quando o

participante vê que foi a sua bandeira a ser capturada, ele se agacha e começa a chorar, a professora calmamente diz a ele para se lembrar do que ela disse no início da brincadeira e que ainda havia tempo para as outras equipes, inclusive a dele, se recuperar e marcar ponto. O participante se levanta, seca as lágrimas e mesmo com cara feia continua o jogo.

A professora apita para que comece a próxima rodada, o participante fica novamente protegendo a bandeira de sua equipe, na sua fisionomia parecia estar bravo. Ele se desloca de um lado para o outro do mesmo jeito desajeitado de antes, rapidamente o apito da professora soou, ponto para outra equipe, o participante fecha as mãos serrando os punhos, fazendo uma cara de insatisfação com o acontecido, a professora chama a atenção, ele começa a chorar, a professora vai em sua direção e lhe diz algo ao qual eu não consigo ouvir, o participante seca suas lágrimas e volta ao jogo, a professora dá mais um minuto para que possam fazer suas estratégias, o participante se reúne com sua equipe e cochicham suas ideias. A professora apita e o jogo recomeça, dessa vez o participante parte para o ataque, corre meio desajeitado e diferente das outras crianças, mas logo é colado pelo adversário, porém logo um colega de sua equipe o descola e ele sai correndo, entretanto, soa o apito novamente e ponto para uma das equipes adversárias. A professora pede para que tirem os coletes e os dobrem, colocando-os ao lado do arco onde estavam as respectivas bandeiras, o participante começa a chorar e caminha em direção da professora, perguntando quem perdeu, a professora diz que uma equipe marcou dois pontos, uma marcou um ponto e duas equipes não marcou nenhum ponto. O participante questiona se as duas equipes não marcaram nenhum ponto, e a professora afirma que sim. O participante logo seca suas lágrimas e corre tomar água. A professora dá dois minutos para que tomem água e façam fila para o retorno a sala de aula. No caminho de volta se coloca em seu lugar na fila. O participante caminha em fila de volta para sala, conversa sobre o jogo acontecido na aula com o participante que está atrás dele na fila, não parece estar muito contente, principalmente depois que o participante a ele que sua equipe marcou um ponto, ele não chora, mas assim que sabe dessa informação o participante não quis mais saber da conversa, e o restante do trajeto em silêncio. Chega a sala senta-se em seu lugar e permanece em silêncio até que a professora sai da sala.

**Data:** 16/10/2017

**Conteúdo:** Fair Play

A professora se coloca a frente da turma no pátio da escola, só estão as mochilas dos alunos no local da fila, pois todos estão brincando no pátio. O participante brinca de pega-pega com outros três participantes. O participante corre desajeitado, tem movimentos grotescos, dificuldade de mudança de direção enquanto está correndo, porém consegue brincar com as outras crianças normalmente.

Toca o sinal e cada criança vai para o seu lugar na fila, cada uma na sua respectiva turma, o participante não faz diferente, encaminha-se para o seu lugar na fila ao lado de sua mochila. Neste dia, parecia estar tranquilo, assim que se colocou na fila, olhou para o seu pai (o pai estava distante, encostado na parede do pátio) e lhe mandou um beijo e acenou com a mão um tchauzinho, virou para frente, juntou suas mãozinhas e começou a oração. Ao final da oração, a professora puxa a fila em direção a sala, o participante acena novamente para o pai com um tchau e segue na fila para a sala de aula.

As crianças entram na sala agitadas, o participante também parece agitado, todos conversam sobre os presentes que ganharam no dia das crianças (12 de outubro, quinta-feira), o participante se encaminha para a professora e começa a falar sobre seus presentes, foram três, um presente ganhou dos pais, um presente ganhou de seus padrinhos e o outro de seus avós, a professora responde o garoto com entusiasmo, porém, pede para que ele arrume sua mochila no local adequado e retire sua agenda da bolsa para que ela possa carimbar. O participante sai com um sorriso no rosto fazer o que a professora pediu.

Enquanto as crianças se organizavam em seus lugares, a professora diz que hoje não vai ser aula da escolha deles (a última aula eles escolheram a atividade porque era a semana da criança na escola), e explicou que aula tinha um tema muito importante, “ Fair Play”. Enquanto a professora explicava, o participante parecia estar com os pensamentos longe e não olhava para a professora, a professora escreve fair play no quadro, e pergunta se eles sabem o que significa o termo. Todos permanecem calados, inclusive o participante. Quando a professora começa a falar sobre o significado do termo, o participante diz saber o que é, ele responde: “Não rir do colega

e em trapacear na brincadeira. ” A professora responde: “ Muito bem, isso mesmo Fulano. “ A professora continua a explicação e o participante volta a ficar com o olhar fixo, porém sem olhar nada.

A professora pede para que formem a fila, o participante caminha calmamente em direção a fila, assim como as outras crianças. Hoje, em todo o deslocamento em direção a quadra, ele não conversa com ninguém, o participante com quem ele costumava a conversar mudou de escola.

Ao chegar na quadra, eles já sabem que devem sentar onde tem sombra, o participante não faz diferente, senta-se com as pernas de índio junto a sua turma e não diz nada.

A professora inicia a chamada e seu nome é um dos primeiros, apesar de parecer não prestar atenção, ele responde a chamada no momento certo, permanecendo calado até o fim da chamada. Assim que a professora termina a chamada ela começa a explicar a atividade que será realizada durante a aula, e diz também que irá observar como eles se comportam, visto que eles já sabem o que significa fair play.

Neste dia, a turma tem menos alunos que de costume, deduz-se que os alunos ainda não voltaram de viagem, visto que é uma segunda-feira pós feriado prolongado, há apenas 11 alunos na turma.

A professora divide eles em duas equipes (azul claro e verde) e explica que hoje eles jogaram futebol, em quadra reduzida (uma adaptação para a idade das crianças), enquanto a professora explica para eles como será o jogo, os mesmos vão colocando os coletes e se reunindo em um dos lados da mini quadra (com golzinhos de mini cone), o participante se bate para colocar o colete, até que uma colega vem ajuda-lo, depois de colocar o colete ele agradece a menina. A equipe do participante tem um integrante a mais, pois as crianças estavam em número ímpar, e por saber das dificuldades do participante, a professora decidiu que a equipe dele é que ficaria com seis integrantes. Antes do início do jogo, as equipes decidem quem será o goleiro de sua equipe, da equipe do participante autista, ele foi escolhido como goleiro. A professora apita e o jogo começa, antes do primeiro minuto de jogo, gol da equipe verde, logo o participante se aproxima da professora e pergunta: “É competição prof.?”

”. A professora gentilmente responde que sim, porém ele e todos os colegas devem lembrar do significado de fair play. O participante volta ao seu lugar no gol com uma cara de descontentamento.

A professora apita, e continua a partida, o participante parece nervoso com a situação, observa o jogo no seu lugar, diz palavras de incentivo a sua equipe e permanece o tempo todo de punhos serrados. A bola sai pela linha lateral da mini quadra, a professora apita, todos param no mesmo instante, a professora chama o participante para fazer a cobrança, o participante parece nervoso com a situação de estar perdendo, porém faz o que a professora pediu. A professora apita novamente e autoriza a cobrança, o participante parece não saber para qual colega chutar a bola, professora o apressa, o participante serra os punhos e chuta a bola forte, entretanto é desajeitado no movimento, a bola sai novamente, mas dessa vez é lance da outra equipe. A professora pede para o participante voltar a o seu gol e em seguida apita para a realização da cobrança, a menina chuta a bola para um integrante de sua equipe (verde), logo esse participante domina a bola e marca outro gol para a equipe verde. O participante autista começa a chorar e reclamar com a professora que ele não consegue ficar no gol, a professora insiste para que ele fique lá e diz para ele não chorar e se lembrar o significado de fair play, além disso ela sempre costuma dizer que o mais importante não é ganhar, é se divertir. Mesmo depois da fala da professora, o participante volta para o gol com uma fisionomia de bravo, irritado, pois a sua equipe estava perdendo, e conseguia ver duas ou três lágrimas escorrendo pelo rosto.

A professora apita novamente e o jogo recomeça, o participante parece apreensivo, dentre um toque e outro via-se seus punhos cerrados, testa franzida e olhos fixos na bola. Depois de alguns minutos de jogo, o tão esperado gol da equipe azul claro acontece. O participante dá um grito de alegria, e logo aquela testa franzida e o rosto aflito deu lugar a um sorriso, apesar de ainda estarem perdendo. A professora apita e o jogo começa, o participante está em seu lugar no gol, ansioso pelo próximo gol, porém depois de alguns instantes, a bola vem na direção do seu gol, e mesmo sendo mais lento e desajeitado que os demais, ele consegue evitar o terceiro gol da equipe verde, a felicidade era extremamente visual em seu rosto. A professora faz sinal para que ele coloque a bola em jogo novamente, ele obedece, e com seu jeito diferente põe a bola em jogo, porém faltam somente alguns minutos para o fim da aula, e não demorou muito a professora apitou encerrando o jogo. O participante

pergunta se já acabou a aula, a professora pede calma, e pede para que todos se sentem. O participante obedece, porém, vê-se lágrimas novamente e alguns murmúros.

Ao final do jogo a professora faz um fechamento da aula, explica sobre o fair play e faz com que os alunos reflitam sobre suas atitudes durante o jogo. Neste tempo o participante se encontra de cabeça baixa, parecendo estar extremamente decepcionado com a perda, a professora o chama pelo nome, pergunta se ele consegue compreender o significado do fair play, o participante responde que sim, porém tenta questionar a perda, a professora passa a explicar que nem sempre as coisas acontecem da forma que queremos, tanto na vida como nos jogos e competições, explica que nem sempre vencemos, e quando perdemos, devemos aceitar a perda e dar o melhor sempre. O participante seca as lágrimas e a professora autoriza a todos beber água, e fala em específico com ele para se acalmar.

A volta para sala é tranquila, o participante caminha em seu lugar na fila, porém não interage com ninguém até chegar a sala. Assim que o sinal soou a professora se despede da turma e se despede do participante em particular, diz algo baixo só para ele, e ele sorri para ela se despedindo com tchau.

**Data:** 30/10/2017

**Conteúdo:** Xadrez

Hoje o tempo está chuvoso, a temperatura mais baixa que o normal para esta época do ano, então a professora resolveu dar sua aula em uma sala fechada, a aula de hoje se xadrez.

Como de costume, antes de tocar o sinal a professora se coloca afrente da turma no pátio da escola, neste dia já haviam alunos na fila antes se tocar o sinal e quase não havia alunos correndo pelo pátio, suponho que deva ser porque o pátio está molhado, os pais e inspetores da escola devem ter alertado os pequenos do risco de escorregarem e se machucarem gravemente. Inclusive o participante autista estava encostado na parede do pátio junto ao seu pai, quieto e de olhar fixo,

parecendo não ver nada que estava a sua frente. Assim que o sinal soou o participante se despede do seu pai com um abraço e um beijo no rosto, o pai lhe diz algo ao qual não ouço, pois observo de longe, o participante responde já de costa para o pai e a caminho da fila, assim que ele chega na fila ao lado de sua bolsa, olha para o pai que está no mesmo lugar e grita “tchau pai!”, o pai ouve e acena com a mão. A oração começa e o participante junta suas mãozinhas e ora junto com o restante da escola.

De cabeça baixa e sem interagir com ninguém, assim que a oração acaba a professora leva a turma para sala.

Observei, que desde que o aluno que sempre estava atrás do participante autista na fila foi embora, o participante autista interage muito pouco com as outras crianças, ele até conversa e brinca com os outros colegas, mas não é da mesma forma que acontecia com aquele aluno em específico.

O ritual de entrada na sala acontece normalmente, os alunos colocam suas mochilas no lugar de sempre, tiram suas agendas da bolsa, a professora passa em todas as carteiras carimbando as agendas no dia de hoje (30 de outubro), e só então explica como será a aula do dia. Neste tempo, os alunos conversam entre eles, porém o participante está quieto, sentado em seu lugar e debruçado na sua mesa. A professora o vê e pergunta se ele está se sentindo bem, o participante responde que sim.

A professora começa a explicar para turma como e onde será a aula de hoje, ela explica que as quadras estão molhadas e está chovendo, por isso hoje a aula será na sala de xadrez, e quem ainda não sabe jogar xadrez ela vai estar ensinando. Os alunos não parecem muito interessados, porém o garoto autista sorriu, e disse que já sabe jogar, a professora pergunta se ele gosta do jogo e ele responde que sim e que além de jogar na escola (nas aulas extracurriculares) gosta de jogar em casa com seu pai. A professora responde o participante gentilmente e diz que quer jogar com ele. Em seguida, a professora pede para a turma formar fila, todas as crianças obedecem. A fila continua sendo por ordem de tamanho e o participante agora é o último da fila. Em todo o trajeto de deslocamento, o participante não conversa nem interage com ninguém, caminha em seu lugar na fila quieto e de cabeça baixa.

A chegada na sala é tranquila, todos escolhem suas duplas e as mesas que vão sentar, o participante fica sem dupla, pois estão em número ímpar, mas a professora logo diz a ele que ela vai jogar com ele.

A professora pede silêncio, dá uma explicada breve sobre os movimentos e capturas, entrega a cada um uma folhinha com uma colinha sobre movimentações e instruções de captura que ela acabará de explicar e senta-se na mesa onde se encontra o participante para jogar com ele.

O participante escolhe ficar com as peças brancas, pois o jogo sempre começa com as brancas. O participante faz sua primeira jogada e inicia a partida. É notável que durante o jogo ele raramente olha para o rosto da professora, logo após fazer suas jogadas parece desligar-se do jogo, porém quando é sua vez de jogar, ele parece analisar as peças para depois realizar a sua jogada. O participante parece jogar muito bem para a sua idade. Algumas vezes a professora precisa chama-lo pelo nome para que ele faça a sua jogada, e apesar disso ele faz excelentes movimentações das peças. Toda vez que ele captura uma peça ele sorri e diz a professora: “peguei você!”. A professora sorri e o parabeniza, entretanto quando a situação inverte, ele diz para a professora que não vale e seu semblante muda. Todas as vezes a professora a professora explica a jogada para ele, certamente para que ele entenda que a jogada é válida.

Algumas vezes, ele quis direcionar as jogadas da professora para que ele saísse favorecido, a professora sempre muito gentil com ele, explica que deve fazer estratégias para o seu xeque-mate, e não dizer a ela o que fazer. Quando ele percebeu que estava perdendo, começou a chorar e dizer que não era justo, que a professora sabia mais que ele. A professora vendo a situação, disse ele ainda tinha tempo para que ele pudesse vence-la no jogo, e que deveria montar uma estratégia para o seu xeque-mate. O participante seca suas lágrimas e começa a analisar o jogo. Desde o momento para frente não se vê mais sorrisos em seu rosto, ele parece bravo, nervoso, totalmente descontente com a situação. Deste momento em diante percebi que a professora estava lhe dando “uma colher de chá”, o participante capturava as peças da professora facilmente sem muito esforço. Até o fim da aula o jogo do participante contra professora se desenrolou dessa forma, e quando ele começou a capturar as peças da professora, vê-se em seu rosto uma satisfação.

Em fim chega ao final a aula, e é hora de voltar para sala. Quando o participante conta suas peças capturadas mesmo sem chegar ao fim o jogo, chega à conclusão que tem mais pontos que a professora e sim ele ganhou o jogo, ele fica extremamente eufórico, e passa a falar para a turma toda que ganhou da professora.

A professora o parabeniza e pede para que todos organizem as peças e em seguida façam fila para o retorno à sala. Todos obedeceram a professora. A professora tranca a porta da sala e vai à frente da turma rumo a sala de aula. O participante caminha na fila durante todo o trajeto, durante a caminhada, não conversa nem interage com ninguém, pois a única criança com quem ele conversava neste momento de deslocamento, mudou de escola. Entretanto, não tinha um semblante de tristeza, ao contrário, parecia orgulhoso de si por ter ganho a partida de xadrez contra a professora. Ao chegar na sala, a professora regente está sentada em sua mesa, o participante entra na sala e corre contar para a professora o feito do dia, a professora sorri e o parabeniza, em seguida o participante senta-se em seu lugar e fica em silêncio, o sinal toca, a professora se despede da turma, despede-se também da professora regente e do participante em especial, parabenizando-o pelo jogo de hoje.

**Data:** 13/11/2017

**Conteúdo:** Circuito Psicomotor


A professora como sempre se coloca a frente da fila da turma antes de soar o sinal, não há alunos na fila, pois estão todos brincando, somente suas mochilas estão no lugar onde deve-se formar a fila. Assim que toca o sinal, os alunos correm para o lado de suas bolsas e formam a fila. Neste dia, o participante brincava novamente de pega-pega com alguns colegas da sua turma no pátio, e assim que ouve o sinal ele corre se despedir do seu pai e em seguida corre para a fila. Hoje ele se despediu de seu pai com beijo rápido no rosto.

A oração começa, e como de costume, junta suas mãozinhas e acompanha a oração, assim como todos da escola. A oração termina e a professora a frente da turma guia as crianças para a sala, o participante acompanha a fila quieto e antes que

pudesse entrar na sala e perder o pai de vista, ele grita “tchau pai” e acena com a mão para ele, o pai retribui com um sorriso e um aceno de mão.

A entrada na sala é sempre muito rápida, a professora os acelera para que não percam muito tempo de aula. Mas neste dia foi diferente, os alunos sempre colocam suas mochilas no mesmo local, mas não muito organizadas, algumas caídas no chão. Então, antes que a professora chamasse a atenção de todos, o participante autista pegava mochila por mochila e as colocava em ordem, uma ao lado da outra, organizando não somente a sua, mas a de todos os colegas. A professora vendo a iniciativa do participante, chama atenção da turma para observar a ação do colega e diz que todos devem cuidar da organização da sala, diz também que ela já trabalhou e sempre trabalha com organização durante as aulas de educação física. O participante sorri para a professora e diz que já arrumou tudo e que as mochilas já estavam todas arrumadas e que poderiam ir para aula de educação física e que a professora Fulana (regente da turma) não ia ficar brava. A professora agradece e elogia o participante e ainda pede para que a turma toda agradeça a ele. A turma meio sem jeito agradece o participante. O participante não tem reação, senta-se em seu lugar, e abre sua agenda no dia de hoje (30 de outubro), e aguarda a professora passar e carimbar sua agenda.

Ao terminar de carimbar a agenda, a professora pede para que façam fila para se encaminharem para a quadra. Chegando na quadra, a professora pede para que se sentem onde tem sombra e aguardem que ela montará um circuito psicomotor. Enquanto a professora monta, os alunos permanecem sentados e conversam entre si, o participante não se senta isolado, mas neste tempo não mantém diálogo com ninguém, fica quieto, sentado com pernas de índio, o olhar fixo, mas sem enxergar o que estava a sua frente.

A professora termina de montar o circuito e inicia a chamada, o participante permanece em silêncio e responde a chamada assim que a professora chama o seu nome, porém permanece imóvel. Ao final da chamada a professora começa o que eles terão que fazer no circuito. O circuito tem uma amarelinha com arcos, quatro mini cones para saltar por cima com os dois pés juntos, quatro cones grandes com duas cordas onde eles devem passar por baixo () , um banco para caminharem por cima e por último cinco mini cones para fazerem zig-zag.

Durante a explicação a professora pergunta diretamente ao participante autista se ele está entendendo, pois ele continua imóvel e com o olhar fixo, mas apesar disso eles responde que sim.

Em uma conversa anterior com a professora, ela me contou que na aula de hoje teria que avaliar um por um da turma e ver se eles alcançaram os critérios do que lhe pedia no P.A. da escola, portanto ela tinha que ver o desempenho da turma toda nas atividades do circuito para avalia-los. Desse modo ela pediu para que fizesse uma fila e um a um fossem realizando o circuito. O participante autista entra na fila, e é o quarto a realizar a atividade. Parecia aguardar ansioso a sua vez, não interagiu muito com os colegas enquanto aguardava a sua vez e parecia observar as outras crianças que pouco a pouco iam realizando as atividades antes dele.

Assim que chegou a sua vez, começou a executar a amarelinha, parecia ter um pouco de dificuldade no equilíbrio quando deveria ficar em um pé só, mas conseguiu executar sem grandes problemas. No próximo exercício, o participante deveria executar os saltos com os dois pés juntos, saltando por cima dos mini cones, apesar do desajeito e de fazer um pouco mais lento que as outras crianças, o participante conseguiu executar os saltos de forma correta. O próximo exercício, o participante deveria se rastejar e passar por baixo das cordas, sem derrubar os cones e tocar nas cordas. A criança é grande, como já foi descrito, aparenta estar com sobrepeso e parece não ter muito noção de espaço, portanto também tem uma certa dificuldade neste exercício, bate a perna em um dos cones, porém não chega a derruba-lo e consegue passar para o próximo exercício. Em seguida o participante sobe no banco, onde caminha com os braços abertos para lhe dar mais equilíbrio, faz o exercício sem o auxílio da professora e vai muito bem, no entanto olhando sempre para baixo. O último exercício é o zig-zag, a professora deixou os cones mais próximos que de costume, o participante entra no zig-zag e o faz um pouco mais devagar, sempre de cabeça baixa, sem se desconcentrar, ele consegue terminar o zig-zag sem encostar em nenhum cone e alcança o critério.

O participante volta para a fila e parece alivia do de já ter feito a atividade, não parece mais estar preocupado ou ansioso como antes. A aula continua e apesar do pouco tempo, a professora consegue avaliar a todos. Depois de ter realizado a atividade a ter voltado ao final da fila, o participante interage com os outros colegas,

não conversam sobre a aula, estavam conversando sobre desenhos, é notável que nessa conversa o participante realiza pouco contato visual, mas consegue conversar com os outros colegas. Essa conversa acontece por alguns minutos, enquanto a professora termina a avaliação com as outras crianças. Logo ouve-se o apito, e todos dirigem seus olhares a professora e o participante em silêncio perpassa seus olhos pela professora, a professora pede para que formem fila para voltar para a sala, os alunos correm para fila e o participante faz igual, corre do seu jeito desajeitado para o seu lugar na fila. No caminho de volta para a sala, ele caminha em silêncio, mantendo-se em seu lugar na fila o trajeto todo, nesse tempo de caminha ele não interage com ninguém. A chegada na sala é tranquila, as crianças conversam um pouco, sentam-se em seus lugares, mas o participante, não conversa com ninguém, ele chega na sala senta-se em seu lugar e fica ali em silêncio até soar o sinal indicando o fim da aula. A professora se despede da turma, mas o participante não responde, assim a professora segue para sua próxima aula.